



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Identidade Negra em Construção; um estudo sobre o processo de identificação das jovens negras através da dança-afro

Paulo Roberto Cardoso da Silveira

Dr. em Ciências Humanas, Professor do DEAR-UFES, Membro do NEAB-UFES; email: prcs1064@yahoo.com.br

Marta Íris Camargo Messias da Silveira

Drª em Educação, Profª do Curso de Educação Física da UNIPAMPA – Campus de Uruguaiana, Coordenadora do NEAB-UNIPAMPA; email: jamaicatreze@yahoo.com.br

Ariane Paz

Licenciada em Educação Física, Bailarina da CIA de Dança-Afro Euwá-Dandaras

I - Introdução

Desde 2003, acompanhando as atividades da CIA de dança-afro Euwá-Dandaras, várias questões tem sido suscitadas aos pesquisadores, muitas delas objeto de esforço de pesquisa do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Santa Maria junto à Associação dos Amigos do Museu Treze de Maio. Dentre estas questões, abordamos neste trabalho, a construção da identidade das jovens negras através da dança-afro, buscando refletir sobre a complexidade do processo identitário em uma sociedade globalizada, onde as referências identitárias são múltiplas.

A CIA de dança-afro, aqui focada como experiência empírica, foi formada em 1997 com intuito de valorizar a cultura afro-brasileira, envolvendo jovens negras. A partir de 2002 com o processo de revitalização e tombamento como patrimônio histórico-cultural do prédio centenário da antiga Sociedade Cultural e Recreativa Ferroviária Treze de Maio, culminando com a constituição do Museu Comunitário Treze de Maio, torna-se um projeto vinculado às oficinas desenvolvidas neste espaço. O objetivo das oficinas de dança-afro era o reconhecimento da cultura afro-brasileira como forma de valorização da história e da luta negra no país e a elevação da auto-estima das jovens negras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

As oficinas de dança-afro, junto com a capoeira, percussão e hip-hop, possibilitaram ao museu comunitário constituir-se em um espaço de convivência e valorização cultural, envolvendo a comunidade negra na produção artística como manifestação de seu legado histórico. No caso da dança-afro, além de buscar-se a consciência do significado de ser negro, promove-se o reconhecimento da corporeidade negra, processo de desinibição e de desenvolvimento da cultura corporal, tendo como resultado a auto-estima e o orgulho de ser negro. Estas jovens, em sua maioria de sexo feminino, são advindas de espaços onde os estereótipos do corpo, do cabelo e das feições negras são postas como “negativas”, relacionados a inferioridade diante dos padrões de beleza construídos em nossa sociedade: corpos longilíneos, cabelos loiros e olhos azuis. Neste contexto, as oficinas constituem-se em um espaço de re-definição identitária.

O identificar-se como negro e o assumir sua história e cultura como um patrimônio a ser preservado e valorizado, torna-se possível nas atividades da CIA de dança. Compreender a contribuição da dança-afro, a partir da experiência de um grupo referência no estado e no país, na construção da identidade das jovens negras, foi o objetivo do processo investigatório aqui relatado e discutido.

II - A Trajetória da CIA de Dança-Afro Euwá-Dandaras

Até 2003, a CIA desenvolvia um trabalho de militância, apresentando-se como um exemplo de uma manifestação artística verdadeiramente negra, acentuando-se o fato de ser composto por meninas negras. A busca de valorização da matriz africana surge com a decisão de participar de um festival de projeção nacional, o “Santa Maria em Dança”, onde uma construção coreográfica baseada nas danças tribais africanas alcança o primeiro lugar em sua categoria e terceiro lugar na classificação final. Neste festival, passa-se a utilizar a percussão ao vivo, dando uma energia diferencial ao trabalho.

A partir daí, o grupo vence por três anos consecutivos, o festival de Santa Cruz, mais importante espaço de dança-afro no Rio Grande do Sul, organizado por entidades do Movimento Social Negro. Quando em 2005, a coreógrafa do grupo, vai fazer doutorado em Educação na Universidade Federal da Bahia, e começa participar das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

aulas de dança da Fundação Cultural da Bahia, a qualidade do grupo aumenta em 2007 e ganha novas representações corporais, participa novamente do festival se classificando em primeiro lugar em duas categorias do “Santa Maria em Dança”, no qual alcança o primeiro lugar na geral em 2008. Com um trabalho que envolve a dança dos orixás e o afro-tribal, além do ballet afro, e consagra-se assim como Cia de Dança, profissionalizando-se em 2009 e passando a ressaltar o amadurecimento de seu corpo de bailarinos, compostos por 10 jovens do sexo feminino e três do sexo masculino.

Fazem parte da CIA 20 integrantes e um corpo de bailarinos com mais experiência que participa dos festivais de 11 integrantes garantindo uma qualidade específica cobrada nos festivais de dança, também é oferecido aos interessados o espaço de aulas abertas como forma de contrapartida social. Neste sentido, de 2009 a 2011, membros da CIA desenvolvem atividades de educação através da arte na luta de combate ao racismo, através de oficinas de dança-afro em várias entidades sociais e escolas.

A pesquisa aqui relatada envolveu as 11 bailarinas da CIA que participam a mais tempo das aulas, sendo que uma delas, co-autora deste trabalho realizou entrevistas com todas as colegas, problematizando o significado de identidade e corporeidade para elas e qual papel da dança-afro na sua construção com cidadãs. A pesquisa envolveu, também, observação dos ensaios e apresentações do grupo de 2003 a 2010, participação nos espaços de formação e diálogos com familiares das bailarinas.

III – Identidade Negra em Construção

Em uma sociedade que a identidade não é mais fixa desde o nascimento, mas sentimento de pertencimento a um grupo social e de caráter plural, já que associada aos diferentes espaços sociais do qual o indivíduo participa e se referencia (HALL, 2004), a identidade negra é apenas uma construção possível. Diante da depreciação que sofre em múltiplos espaços que vivência, a mulher negra é estimulada a negar sua negritude, portanto, colocando-se em cheque sua identidade como negra.

Esta negritude, definida como sentimento que irmana e aproxima todos os negros e negras do mundo, conscientes de sua posição de excluídos das “democracias



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ocidentais”, frutos da diáspora que desterritorializou o negro e levou a que na preservação de sua cultura a essência de ser negro. A negritude expressa o aspecto diferenciador em relação aos não-negros, fator de resistência ao aniquilamento como sujeito histórico (MUNANGA, 2009). Se a identidade é sentimento de pertença a um grupo social, a identidade negra é assumir a negritude como definida acima e este não é um processo natural, mas construído socialmente. Tal construção social ocorre em um contexto onde forças atraem e outras afastam o negro de sua condição social, fortalecendo ou minando sua negritude.

O resgate da cultura afro-brasileira, através das coreografias e os debates coletivos sobre a origem da dança afro-brasileira em sua ligação com o candomblé e com as danças que o povo negro trouxe da África, cumprem o papel de fortalecer o sentimento de negritude. Na compreensão da luta negra em combate da desigualdade racial, surge o questionamento dos valores depreciativos do negro na sociedade e, em particular, o sentimento da mulher negra como discriminada nos diferentes espaços sociais.

Dentre estes valores depreciativos, está a corporeidade negra. No processo de construção identitária, o reconhecimento da corporeidade negra e sua valorização significam fator de consolidação de uma identidade negra (Gomes, 2009). No caso estudado, percebe-se que estão presentes os bloqueios em relação ao corpo negro, os quais com o aprendizado dos movimentos da dança, com maior ou menor dificuldade, vão rompendo. O reconhecimento de uma corporeidade negra diferente do tipo ideal de bailarino e que contrapõe o padrão estético de beleza hegemônico na sociedade brasileira é um processo extremamente difícil, pois contrabalançado pelo olhar que sofrem em outros espaços sociais, escola, igreja, bares, danceterias e até nas publicações midiáticas. Neste último caso, assumem destaque duas questões fundamentais.

A primeira, a emergência de estilos musicais que apelam para uma sensualidade com sentido erótico e sexual, os quais são apreciados pelas jovens negras e jovens em geral. No entanto, o aprendizado em relação à corporeidade advinda da experiência com a dança-afro faz com que a banalização do corpo negro seja rejeitada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A segunda questão é a influência da Mídia, onde a mulher negra passa a ocupar mais espaço e trazer referenciais de beleza negra como possibilidade de identificação. Este processo associado ao uso crescente de produtos afro-étnicos e a ocorrência mais freqüente de concursos de beleza negra, cumprem o papel de desenvolver a auto-estima das jovens negras. SILVA (2008,p12) afirma que

“a publicidade, utilizada de forma correta, tem um papel fundamental neste processo, uma vez que ela atua, juntamente com outras ferramentas de comunicação, criando e satisfazendo as necessidades desses consumidores, além de criar ou reforçar os estereótipos existentes na sociedade”.

No entanto, este processo não é linear, pois como a identidade negra é um processo de construção social e como as jovens negras participam de múltiplos espaços sociais, sofrem influência do padrão estético dominante, utilizam os recursos da “indústria da beleza” e continuam a se referenciar pelas “celebridades” com seus corpos esbeltos. A diferença é que constroem seus próprios referenciais e passam a entender e aceitar outro padrão de beleza, o que se verifica pela elevada auto-estima destas jovens, alavancada pelas vitórias que tem obtido em concursos de dança, as apresentações em diversos espaços, reconhecimento pela mídia, desenvolvimento de novas formas de sociabilidade, participação como educadores informais em entidades sociais e escolas municipais etc.

Os movimentos coreográficos e os figurinos baseados em temas da cultura afro-brasileira são produtos de pesquisas, onde os vestuários africanos e afro-brasileiros enaltecem a beleza negra, valorizando sua história e cultura, negando a discriminação como algo dado. Esta negação, e aí está o ponto principal, ocorre pela percepção das diferenças étnico-culturais e a exigência de que estas sejam respeitadas.

Se tomarmos o debate em relação à adequação ou não da adoção de mecanismos para tratar seus cabelos crespos, percebe-se que em sua maioria aprovam tais recursos, pois há um desejo de se sentir belas, não para aproximar-se das mulheres brancas, mas por compreenderem que a identidade negra não está na aparência, mas no



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reconhecimento de sua negritude e na mudança de atitude perante a discriminação racial.

Consideramos que esta tomada de consciência não deva significar a necessidade de segregar-se, mas sim de exercitar as diferenças, não apostando que o caminho para superação da condição do negro em nossa sociedade excludente seja o isolamento cultural. As políticas de ação afirmativa a partir da conferência de Durban em 2001 passam a ser uma demanda mundial e as estratégias de luta dos movimentos negros (abandonar a postura de negar qualquer uso de artifícios no trato do cabelo ou de grupos negros ausentarem-se da mídia) devem ser constantemente repensadas sob pena de fortalecermos o “movimento dos ditos pardos”, aqueles que não são aceitos na totalidade como negros, quanto menos como brancos.

IV - Dança-afro e Corporeidade Negra

A primeira pergunta que faz sentido fazer é se existe uma corporeidade negra; e em caso de sua existência, quais elementos são indicativos desta corporeidade. Considera-se que a corporeidade é um processo de relação do corpo com o mundo, a forma como se expressa a subjetividade, através da exteriorização dos movimentos, a subjetividade objetivada nos dizeres de Berger & Luckmann (1966/1987). A corporeidade é uma manifestação de sentido, consciente ou não pelo indivíduo. Surge dos movimentos do corpo e a relação do corpo com o ambiente.

Mas tal corporeidade se é sentido atribuído, e não um dado resultante da conformação biológica, pois eminentemente cultural, não pode colocar-se como independente do universo simbólico de cada sociedade, ou seja, das representações reificadas como instituições sociais (Berger e Luckmann, 1966/1987). Para estes autores, tais instituições apresentam-se como normais aos sujeitos (naturalizadas pelos processos de socialização) e são legitimadas pela estrutura político-ideológica vigente em cada sociedade.

Na contemporaneidade, os meios de comunicação de massa assumem papel central na legitimação dos valores e normas instituídas, somando-se ao poder econômico e técnico-burocrático na influência decisiva sobre os mecanismos do estado,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

em uma verdadeira obstaculização e privatização do espaço público. Neste contexto, a Mídia reforça a imagem depreciativa do negro, legitimando representações herdadas do passado escravista e consolidadas no processo de exclusão que o negro sofreu no Brasil (Dias Filho, 2008).

E quais representações instituíram-se sobre o corpo negro? Segundo Nelson Inocêncio, a imagem do corpo negro é associada à imagem de um corpo estranho à sociedade:

“Na cultura visual brasileira, o corpo negro aparece como a antítese do que se imagina como normal. É um corpo cuja representação está associada ao que há de mais caricato, como se ele existisse justamente para demonstrar o contrário do humano. O corpo negro amedronta, porque a ele foi atribuída uma noção de força que se sobrepõe ao intelecto. Esse mesmo corpo provoca risos porque sua leitura está vinculada a comparações que o animaliza. (INOCÊNCIO, 2006, p.185.)

No mesmo sentido, Correa (2006), analisando anúncios da campanha publicitária da TELEMIG celular, argumenta que o corpo negro é ressaltado, acentuando suas formas musculares bem definidas e uma relação mais próxima com a natureza, enquanto os modelos brancos são retratados de forma a ressaltar o intelecto. Tal constatação indica uma imagem que mesmo sub-liminar é reforçada pela publicidade, orientada pela representação social e simbólica que o público-alvo faz de tais imagens.

Em interessante trabalho, Côrtes (2006), resgata na história do Brasil a constituição das representações pejorativas em relação à mulher negra, identificando aspectos da associação entre raça e gênero no processo de inferiorização social a que foram submetidas.

“Do ponto de vista do gênero racializado, indubitavelmente coube aos romances, poesias e folhetins oitocentistas o pioneirismo de investimentos e apostas expressivas e sistemáticas em torno da imagem da mulher negra e de seu corpo, imagens estas com um significado bastante particular, vinculado basicamente às idéias de animalização, trabalho braçal e puro sexo, dentre outras. Focalizadas como amantes preferenciais devido ao matiz



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

atormentador de suas peles, os comportamentos femininos negros foram limitados à exuberância, ao erotismo e à sensualidade” (Côrtes, 2006, 04).

Como salienta a autora, no final do século XIX, a literatura médica brasileira se esforçava para fornecer argumentos que sacramentassem a população negra como “principal elemento da inferioridade de um país que se almejava nação. Mais do que meros entraves, essa parcela majoritária da população foi olhada e dissecada pelas lentes médicas como verdadeiras inimigas da Pátria” (Côrtes, 2006, p.04). A mesma autora cita vários trabalhos historiográficos que salientam o fato de que na sociedade do início do século XX, a mulher negra era considerada como de maior tendência ao crime e a devassidão moral.

Estes estereótipos em relação aos negros são reproduzidos em brincadeiras de crianças e atravessa todas as fases geracionais, caracterizando “uma ótica discriminatória através da qual a sociedade que segue padrões brancos de beleza observa os traços fenotípicos da população afrodescendente” (Santos, 2008, p.09).

Tal padrão reproduzido no meio escolar tende a reforçar a discriminação da mulher negra, depreciando suas características fenotípicas (traços faciais, cabelos crespos, conformação corporal) (Gomes, 2003). Esta discriminação é vivenciada no cotidiano, implicando em submissão ao padrão de beleza branco ou em um processo de resistência e superação dos estereótipos que desvalorizam a corporeidade negra e levam a sua negação. Tal desvalorização leva a dificultar a identificação da mulher como negra e, às vezes, provoca a introversão, pois a sensualidade dos movimentos é confundida com malícia e lascividade, valores condenados pela sociedade. Neste sentido, a dança afro brasileira pode ocupar um papel importante no desenvolvimento da corporeidade, aumentando a auto-estima das jovens negras.

V- A Dança-afro brasileira como espaço de libertação da mulher negra

Antes de adentrarmos nos resultados até aqui obtidos em nossa pesquisa, cabe salientar as características da dança-afro brasileira, permitindo compreender qual sua relação com a corporeidade negra e com o processo de identificação das bailarinas negras.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para Jéssica Brandão, a dança é uma das maiores representações de uma cultura popular, ela “pode ser maior que reunião de técnicas, quando se propõe ser instrumento de transformação social e difusão histórico-cultural” (Brandão, 2008,01). E em particular, a dança-afro brasileira, com seu ritmo e musicalidade, não se pauta por técnicas metódicas de movimentos, pois respeita as vivências corporais de seus praticantes, caracterizando-se por ser uma dança enérgica e com um ritmo frenético, onde se faz necessário uma entrega corporal, a ponto de perceber a perfeita sincronia entre os movimentos e o ritmo empregado na sua execução.

Seus movimentos estão centrados na cabeça, tronco, quadril e pés. Estes movimentos vão se completando simultaneamente, sendo possível para quem observa esta dança, confundir o ritmo tocado com os corpos em movimento como se estes dois elementos distintos fossem apenas um na sua execução.

A percepção corporal necessária para o bailarino de dança-afro não deve estar descolado da razão histórica pelas quais se justificam tanto o ritmo quanto a musicalidade, utilizadas pela cultura afro-brasileira em suas manifestações. Esta corporeidade exige dos bailarinos uma aceitação do seu corpo, do corpo do outro e de suas raízes africanas para ser fiel ao que a dança-afro brasileira se propõe: provocar emoção e reconhecimento histórico.

Este reconhecimento do lugar de onde falamos permite que a dança-afro contribua para a busca da identidade de seus participantes, seja ela pela raiz afro-descendente de cada um ou pela sensibilidade que algumas pessoas possuem, independente de serem afro-descendentes.

Além de vivenciar novos ritmos e movimentos, a dança-afro representa a oportunidade de conhecer várias pessoas interessadas nesta temática, pois através da arte de dançar, o indivíduo desenvolve consciência e expressão corporal, melhora a postura, exercita o corpo e adquire aprendizado sobre a cultura afro-brasileira.

No contexto brasileiro, a dança-afro poderá oferecer um espaço onde as diversidades e particularidades sejam canalizadas e reveladas a partir da cultura corporal dos alunos e esta cultura corporal está diretamente ligada as suas vivências e experiências.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Verifica-se que os componentes do grupo aqui estudado, que se apresentam com sobrepeso, conseguem desenvolver movimentos dentro da técnica esperada e dançar sem comprometer o ritmo, mesmo que a dança-afro seja muito exigente em resistência e força.

Tal fato pode ser explicado pela característica da dança-afro em que seus movimentos envolvem o corpo inteiro e não setores localizados, o que exigiria uma musculatura mais preparada. Na dança-afro o importante é a flexibilidade e isto as bailarinas apresentam, podendo-se relacioná-la com a corporeidade negra desenvolvida em vivências anteriores nos terreiros de religião de matriz africana, escolas de samba, etc. Esta corporeidade diferencia-se da exibida por bailarinos clássicos e foge dos padrões estéticos dominantes. Assim, a dança-afro constitui-se em espaço para encontro dos bailarinos e suas corporeidades, tecendo importante papel no reconhecimento e valorização da corporeidade negra. Não se deve esquecer que esta corporeidade é de natureza histórico-cultural e desenvolvida no cultural das manifestações afro-brasileiras.

Torna-se fundamental lembrar que as danças de origem africana foram marginalizadas, historicamente, pelos grupos dominantes em nossa sociedade, devido serem consideradas demasiadamente sensuais e provocadoras de sensações libidinais. Este foi o caso do maxixe, por exemplo, que transmitia uma sensualidade de seus pares que entrelaçavam suas pernas e braços, apoiando-se pela testa, sendo perseguida pela polícia, igreja, chefes de família e educadores.

Tratava-se de uma forma de dançar não atrelada a um gênero musical específico, sendo inicialmente dançado ao ritmo do tango, da havaneira, da polca ou do lundu. Só nos fins do século XIX, as casas editoriais passam a considerar o Maxixe um gênero musical, imprimindo as músicas com essa classificação: "a primeira dança genuinamente brasileira".

A aceitação das danças de inspiração africana no Brasil somente ocorrem com a legitimação social da Umbanda, religião de matriz africana com influência do Kardecismo, contribuindo com a fixação e a valorização de raízes da mestiçagem projetadas no país. Deste modo, as danças dos terreiros de Camdomblé, comuns em Salvador-Ba, desde os tempos pós-abolição passam a ter espaço na sociedade brasileira,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

difundindo-se, primeiramente pelo Rio de Janeiro e chegando a São Paulo com a migração nordestina.

Na história da dança de influência africana no Brasil podemos encontrar ainda: O baião de pares, coco-de-zambê, batuque de fileiras, carimbo, frevo, lundu, maculelê, samba de roda, tambor de crioula etc. Esta herança africana trás a forma de dançar e a relação da dança com os fatos sociais mais importantes, parte da sociabilidade do povo africano. Assim, na cosmovisão africana, todos os acontecimentos são comemorados com dança, seja nascimento, morte, plantio ou colheita; ela é a parte mais importante das festas realizadas para agradecer a uma boa colheita e aos seus deuses.

Na forma de dançar, resgata-se dança em filas ou em círculos, quase nunca dançam sozinhos ou em par. As danças chegam a apresentar algumas vezes até seis ritmos ao mesmo tempo e seus dançarinos podem usar máscaras ou enfeitar-se. A dança também é uma forma de contar histórias e estas, no caso aqui estudado, referem-se a verdadeira história afro-brasileira e africana.

VI- Considerações sobre o processo identitário das jovens negras

Não se pretende fazer aqui afirmações contundentes sobre a identidade negra, processo que na sociedade contemporânea assume caráter complexo e multifacetado, onde a “dança das identidades” constituem projeções sociais variadas para as jovens negras aqui estudadas. Apenas, procuramos levantar alguns aspectos fundamentais para compreender a identidade entendida como assumir a negritude, fenômeno de característica histórico-social e espacial.

As jovens negras, aqui estudadas, possuem uma vivência anterior a dança muito diversa. Enquanto algumas vêm de uma participação ativa em escolas de samba ou terreiros de religião de matriz africana, outras não possuem estas vivências e tem na dança a forma de encontrar-se com o corpo negro e constituir sua identidade. Uma identidade com um patrimônio histórico e não uma decorrência da cor da pele. Por mais que, cotidianamente, seja lembrado a um negro sua condição de diferente, seu reconhecimento como negro exige uma determinada compreensão de sua condição, ou seja, sentimento de sua negritude.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Verifica-se que jovens que não participam de grupos envolvidos em manifestações culturais negras, tem mais dificuldade de fornecer conteúdo a sua negritude, sendo mais vulnerável ao preconceito e com uma identidade pouco vinculada a historicidade da luta negra. Exemplos, neste sentido, são universitários que acessam o ensino superior pelo sistema de cotas raciais, mas quando dentro da Universidade buscam a invisibilidade, não se assumindo como negros cotistas. Falta neste caso a consciência da negritude. Claro, que se pode argumentar pelo sentimento de defesa diante da discriminação, ao qual se pode opor o fato de que a discriminação acontece, igualmente.

Indo além, a discriminação é enfrentada de forma menos sofrida quando a densidade histórica da luta negra oferece a solidariedade de uma causa, do orgulho de um povo que se quer livre e dono de seu destino. No grupo estudado, independente das vivências anteriores, atualmente, as jovens objetivam ser reconhecidas como negras e orgulham-se de sua beleza tipicamente negra.

A identidade construída no grupo permitiu o desenvolvimento de um sentimento de negritude, levando a uma militância em prol das causas negras. O respeito à diversidade e a valorização da cultura afro-brasileira é colocada pelas jovens como o maior troféu conquistado pela CIA, definindo a auto-estima que fez algumas já transporem a barreira da Universidade e assumirem atividade profissional ligada a dança-afro.

Outro aspecto fundamental a ressaltar é a influência que a CIA de dança causou nas famílias das jovens, as quais, eivadas de preconceitos em relação a sua própria condição de negros, desenvolvem uma identidade negra e aproxima-se da luta do Movimento Social Negro.

VII – Considerações Finais

Buscou-se ressaltar aqui, a potencialidade de um coletivo de dança-afro em criar condições para o fortalecimento de uma identidade negra, esta entendida como o sentimento de negritude assumido de forma consciente. Jovens negras, com uma corporeidade hipostasiada e sem vivências com as manifestações culturais afro-



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

brasileiras, muitas vezes advindas de famílias que negam ou se afastam de sua negritude, percorrem uma trajetória de mudança.

Ao passo que as conquistas da CIA acontecem, o sentimento de orgulho de pertencer a ela e a compreensão do significado que assume, ser valorizadas e admiradas, impactam diretamente na construção de sua identidade. Passa-se a assumir-se seu corpo negro, desenvolvendo sua corporeidade como relação corpo-espço, tendo como consequência romper com o sentimento de inferioridade diante dos cabelos e formas corporais específicas. O reconhecimento do corpo negro como diverso provoca a superação da inibição, herdeira do processo de associação malícia-exposição do corpo-ritmo.

A dança-afro neste sentido para o coletiva que comunga estas experiências torna-se instrumento pedagógico de problematização da realidade e de construção de formas de combate ao racismo e da intolerância. É um espaço de formação e de cidadania, mas principalmente, espaço de definição e consolidação identitária.

VIII – Referências Bibliográficas

BERGER, P. & LUKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis -RJ, Vozes, 1966/1987.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CORREA, L.G. **Corpo exposto: a representação do negro em dois anúncios de telefonia celular UNIrevista** - Vol. 1, nº 3: (julho 2006)

CÔRTEZ, G.X. da C. **As Inimigas Da Pátria: Medicina Social e Corporeidade Negra nas Últimas Décadas do Século XIX, XII Encontro Regional de História**. Rio de Janeiro, ANPUH, 2006 (anais).

DIAS FILHO, A.J. **Ebonização Estética e Cosmética, Auto-estima, Mídia, Mercado Consumidor e a Opção Fashion do Resgate da Cidadania em Magazines para Afro-brasileiros (1990-1999)**, em: www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0223



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

GOMES, N.L. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003;

GOMES, Nilma I. ET all. **Identidades e Corporeidades Negras: uma experiência com formação de professores(as) para diversidade étnico-racial**, Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005. 102 p.

INOCÊNCIO, Nelson Olokofoá. **Corpo negro na cultura visual brasileira**. Educação Africanidades Brasil, v.1, Brasília: CEAD, 2006, pp. 185-191.

MESSIAS, Marta Íris Camargo. **A Importância da inclusão da cultura afro-brasileira nos currículos de Educação Física escolar a partir do conteúdo capoeira**. Dissertação de mestrado, Centro de Educação – UFSM, 2004.

MESSIAS, M.I.C., SILVEIRA, P.R.C.da e NASSAR, C.D.R. **Identidade Negra e Arte-educação em Espaço Não-escolar: O Caso do Museu Comunitário Treze de Maio**, Florianópolis, UFSC, Encontro dos NEABs, 2007 (anais);

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2ºed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

SANTOS, Inaicyr F. dos. **Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. Salvador: EDUFBA, 2002.

SANTOS, M. **Ser negro no Brasil hoje - Ética enviesada da sociedade branca desvia enfrentamento do problema negro**. Jornal Folha de S.Paulo, Caderno MAIS - Brasil 501 d.c., 07 de maio de 2000, disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/~lmeigaco/santos.htm>

SANTOS, T.E. **Mulheres Negras e Cabelos Trançados: figuras de resistência**, programa Brasil Afroatitude, Brasília, UNB, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SILVA, Eveline Pena da. **O Preto Onde Tudo Era Branco: O Negro Também Consume.** Trabalho de Conclusão de Curso de Publicidade, UNIFRA, 2008.